

RESSALVA

Atendendo solicitação da autora, o texto completo desta dissertação será disponibilizado somente a partir de 19/06/2028.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA – UNESP

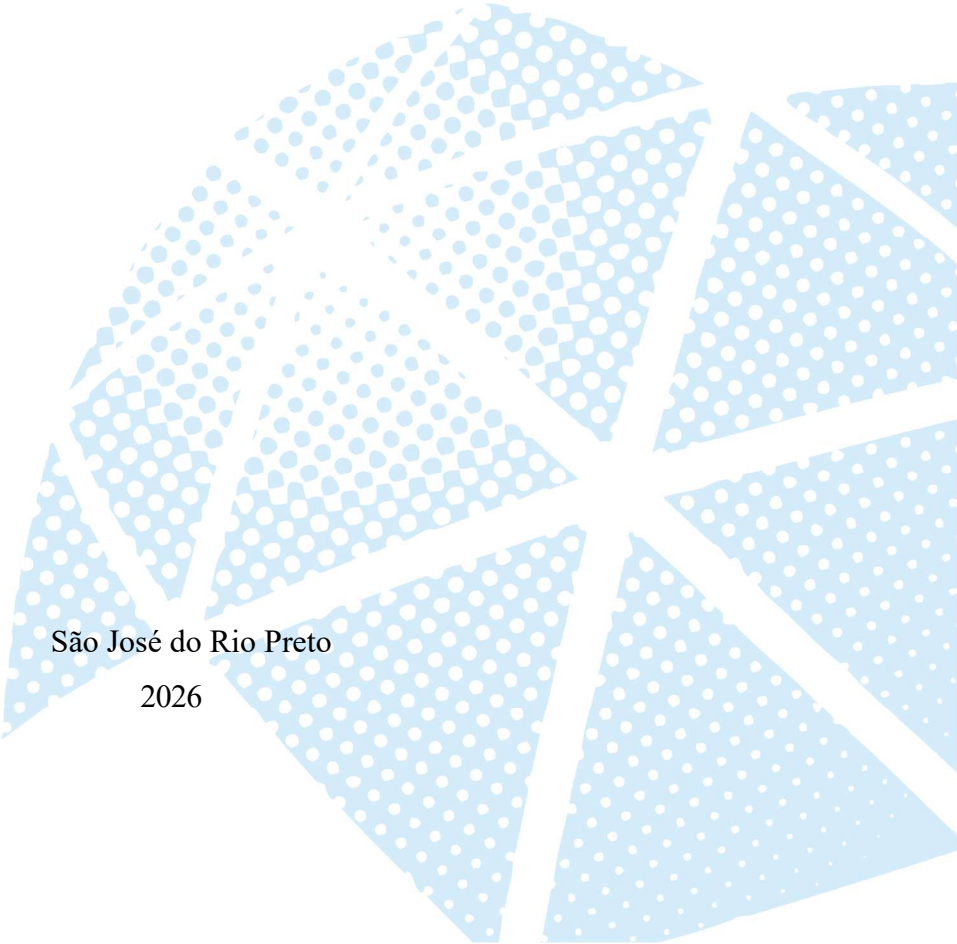
Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas - Câmpus de São José do Rio Preto

ANA KAROLINA MELO DE JESUS

**CONSTRUINDO NARRATIVAS NA/DA TRADUÇÃO:
SOBRE TRADUZIR *ORAN*, *LANGUE MORTE*, DE ASSIA DJEBAR**

São José do Rio Preto

2026



Ana Karolina Melo de Jesus

CONSTRUINDO NARRATIVAS NA/DA TRADUÇÃO:
SOBRE TRADUZIR *ORAN*, *LANGUE MORTE*, DE ASSIA DJEBAR

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto, para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Área de Concentração: Linguística Aplicada

Orientadora: Profa. Dra. Maria Angélica Deângeli Arni

São José do Rio Preto
2026

J58c Jesus, Ana Karolina Melo de
 Construindo narrativas na/da tradução : sobre traduzir Oran,
 langue morte, de Assia Djebar / Ana Karolina Melo de Jesus. --
 São José do Rio Preto, 2026
 219 p. : tabs., fotos

 Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista
 (UNESP), Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas,
 São José do Rio Preto
 Orientadora: Maria Angélica Deângeli Arni

 1. Tradução comentada. 2. Literatura francófona. 3.
 Literatura pós-colonial. 4. Literatura de mulheres. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp.
Dados fornecidos pelo autor(a).

ANA KAROLINA MELO DE JESUS

**CONSTRUINDO NARRATIVAS NA/DA TRADUÇÃO:
SOBRE TRADUZIR *ORAN*, *LANGUE MORTE*, DE ASSIA DJEBAR**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto, para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Área de Concentração: Linguística Aplicada

Data de defesa: 19/06/2026

Banca examinadora:

Profª. Dra. Maria Angélica Deângeli Arni - Orientadora

Unesp – Universidade Estadual Paulista – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas –
Câmpus de São José do Rio Preto

Profª. Dra. Adriana Zavaglia – Membro titular

USP – Universidade de São Paulo – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

Profª. Dra. Maria Cláudia Rodrigues Alves – Membro titular

Unesp – Universidade Estadual Paulista – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas –
Câmpus de São José do Rio Preto

Profª. Dra. Tatiana Helena Rios Ferreira – Membro suplente

UEL - Universidade Estadual de Londrina

Profª. Dra. Maria Cristina Parreira – Membro suplente

Unesp – Universidade Estadual Paulista – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas –
Câmpus de São José do Rio Preto

Para todos os colegas, ao redor do mundo inteiro,
que tiveram seus estudos – e vida – interrompidos pela
funesta máquina colonial; dedico minhas palavras a
você.

AGRADECIMENTOS

Realmente é preciso uma aldeia para criar uma criança – ou para escrever uma dissertação de mestrado. Meus agradecimentos, então, à minha.

A Deus, por absolutamente tudo.

Aos meus avós, Lázara, Adélia e Simdulfo que, infelizmente, não podem ver esse trabalho pronto, mas que me incentivaram incessantemente para que ele fosse, um dia, possível.

Aos meus pais, Osvaldo e Luzia, por batalharem diariamente, permitindo que eu me dedicasse aos meus sonhos. Às minhas irmãs, Beatriz e Heloisa, por serem minhas melhores amigas no mundo, muito mais do que eu poderia pedir.

À minha orientadora, Maria Angélica Deângeli Arni, pela gentileza ímpar, pelos ensinamentos, conversas, conselhos e apoio.

Aos docentes do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos do Ibilce, pela generosidade e pelo acolhimento.

Aos servidores da Seção Técnica de Pós-graduação, pela disponibilidade e pela ajuda, sempre que necessário.

Às membras da banca, professoras Adriana Zavaglia, Maria Cláudia Rodrigues, Maria Cristina Parreira e Tatiana Rios, pela leitura, pelos comentários e observações, essenciais para mim.

Às queridas amigas Giovanna, Gyovanna, Derik e Yasmim, pelas risadas e por todas as conversas que me lembraram que o fim do mundo não é amanhã. Aos demais amigos, pelo apoio e pela torcida.

À Jomana, pela ajuda com todas as minhas dúvidas em relação à língua árabe, pela amizade e por me lembrar do poder da curiosidade e da partilha, que supera dificuldades linguísticas e culturais.

À Ana Laura Dias, amiga e companheira de mestrado, com quem compartilhei as dores e as alegrias da pós-graduação, tornando tudo isso um pouquinho mais leve.

Destaco, por fim, que o presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001, e expresso minha profunda gratidão.

*Moi qui aurais voulu esquisser ici leurs silhouettes,
pérenniser leur marche, les maintenir dehors, au besoin
malgré un soleil noirci, moi, je rêve pour elles, je me
remémore “en” elles.¹*

Assia Djebar (1997)

¹ Eu, que gostaria de poder ter esboçado aqui suas silhuetas, perenizar sua marcha, mantê-las do lado de fora, se necessário, apesar do sol escurecendo, eu, eu sonho por elas, eu me rememoro nelas. (Tradução nossa)

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo promover uma reflexão acerca das questões linguísticas e culturais que permeiam o contexto de produção de *Oran, langue morte* (1997), da escritora argelina Assia Djebar. Para isto, propõe-se uma tradução parcial comentada da obra, na qual a autora discorre sobre questões como conflitos de identidade e de pertencimento e o lugar de poder da língua no contexto da colonização sob a perspectiva de uma narradora feminina. Para a tradução da obra, tomam-se como base os estudos de Spivak (2000; 2005; 2021) sobre tradução pós-colonial, nos quais a autora evidencia a importância de entender a tradução como um ato de acolhimento, no qual os “traços” do outro, ou seja, os rastros pessoais de quem narra uma história, sejam respeitados e permaneçam perceptíveis no texto traduzido. Além disso, apoiando-se na Teoria Narrativa de Mona Baker (2006), visa-se propor um olhar sobre as notas e comentários de tradução, indagando-se como esses aparatos textuais podem constituir-se em narrativas ontológicas e conceituais, valendo-se da terminologia própria de Baker, para o campo dos Estudos da Tradução. Para tratar dos comentários da tradução, sua sistematização e classificação em nosso trabalho, parte-se das pesquisas de Sardin (2007), Spivak (2000), Baker (2006) e Zavaglia, Renard e Janczur (2015). Por fim, no que concerne especificamente a obra de Djebar, faz-se referência aos escritos de Gauvin (2006; 2016) e Calle-Gruber (2001; 2005). Espera-se que as reflexões apresentadas neste projeto possam contribuir com o avanço dos estudos pós-coloniais alinhados com os estudos da tradução no Brasil, além de promover uma compreensão mais ampla sobre o papel das notas e comentários de tradução, ultrapassando a classificação de auxílio paratextual e comportando a ideia de que esses aparatos constituem uma narrativa própria.

Palavras-chave: Tradução comentada; literatura francófona; literatura pós-colonial; literatura de mulheres.

ABSTRACT

The aim of this paper is to encourage reflection on the linguistic and cultural issues that underpin the context in which *Oran, langue morte* (1997), by the Algerian writer Assia Djebar, was written. To this end, a partial annotated translation of the work is proposed, in which the author discusses issues such as conflicts of identity and belonging, and the position of power held by language in the context of colonisation from the perspective of a female narrator. The translation of the work is based on Spivak's (2000; 2005; 2021) on postcolonial translation, in which the author highlights the importance of understanding translation as an act of welcoming, in which the 'traces' of the other—that is, the personal imprints of the storyteller—are respected and remain perceptible in the translated text. Furthermore, drawing on Mona Baker's Narrative Theory (2006), the aim is to propose a perspective on translation notes and comments, exploring how these textual devices can constitute ontological and conceptual narratives, using Baker's own terminology, within the field of Translation Studies. In order to address the comments on translation, their systematisation and classification in our work, we draw on the research of Sardin (2007), Spivak (2000), Baker (2006) and Zavaglia, Renard and Janczur (2015). Finally, with specific regard to Djebar's work, reference is made to the writings of Gauvin (2006; 2016) and Calle-Gruber (2001; 2005). It is hoped that the reflections presented in this project will contribute to the advancement of postcolonial studies aligned with translation studies in Brazil, as well as promoting a broader understanding of the role of translation notes and comments, moving beyond their classification as paratextual aids and embracing the idea that these elements constitute a narrative in their own right.

Keywords: Annotated translation; Francophone literature; postcolonial literature; women's literature.

RÉSUMÉ

Le présent travail a pour objectif de susciter une réflexion sur les questions linguistiques et culturelles qui imprègnent le contexte de création d'Oran, langue morte (1997), de l'écrivaine algérienne Assia Djébar. À cette fin, nous proposons une traduction partielle commentée de l'ouvrage, dans lequel l'auteure aborde des questions telles que les conflits d'identité et d'appartenance, ainsi que la place de pouvoir de la langue dans le contexte de la colonisation, du point de vue d'une narratrice féminine. Pour la traduction de l'ouvrage, nous nous appuyons sur les études de Spivak (2000 ; 2005 ; 2021) sur la traduction postcoloniale, dans lesquelles l'auteure souligne l'importance de concevoir la traduction comme un acte d'accueil, où les « traits » de l'autre, c'est-à-dire les traces personnelles de celui ou celle qui raconte une histoire, sont respectés et restent perceptibles dans le texte traduit. De plus, en s'appuyant sur la théorie narrative de Mona Baker (2006), nous proposons de porter un regard sur les notes et les commentaires de traduction, en nous demandant comment ces dispositifs textuels peuvent constituer des récits ontologiques et conceptuels, en utilisant la terminologie propre à Baker, pour le domaine des études de traduction. Pour traiter des commentaires sur la traduction, de leur systématisation et de leur classification dans notre travail, nous nous appuyons sur les recherches de Sardin (2007), Spivak (2000), Baker (2006) et Zavaglia, Renard et Janczur (2015). Enfin, en ce qui concerne plus spécifiquement l'œuvre de Djébar, nous nous référons aux écrits de Gauvin (2006 ; 2016) et de Calle-Gruber (2001 ; 2005). Nous espérons que les réflexions présentées dans ce projet pourront contribuer à faire avancer les études postcoloniales en lien avec les études de traduction au Brésil, tout en favorisant une compréhension plus large du rôle des notes et des commentaires de traduction, au-delà de leur classification comme aides paratextuelles, et en intégrant l'idée que ces appareils constituent un récit à part entière.

Mots-clés : Traduction commentée ; littérature francophone ; littérature postcoloniale ; littérature féminine.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: nota de exegese	69
Quadro 2: nota de exegese	70
Quadro 3: nota de exegese	71
Quadro 4: nota de exegese	72
Quadro 5: nota de exegese	72
Quadro 6: nota reflexiva	73
Quadro 7: nota reflexiva	74
Quadro 8: nota reflexiva	75
Quadro 9: nota reflexiva	75
Quadro 10: nota reflexiva	76

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Foto da autora.....	35
Figura 2: Capa da edição francesa de <i>Oran, langue morte</i> (1997)	40

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
2. A LITERATURA E AS MULHERES DO MAGREBE	20
2.1 A LUTA DAS MULHERES ÁRABES	25
2.2 A LITERATURA PÓS-COLONIAL	30
2.3 ASSIA DJEBAR: CONTEXTO E PRODUÇÃO LITERÁRIA	34
2.4 <i>ORAN, LANGUE MORTE</i>	39
3. A TRADUÇÃO COMO UM ATO DE ACOLHIMENTO	44
3.1 A TEORIA DAS NARRATIVAS	46
3.2 A TRADUÇÃO DE TEXTOS DE CULTURAS NÃO HEGEMÔNICAS	51
3.3 A DIMENSÃO ÉTICA E POLÍTICA DA TRADUÇÃO	54
4. COMENTÁRIOS DE TRADUÇÃO: A NARRATIVA DA TRADUTORA	59
4.1 O ACOLHIMENTO DO OUTRO NOS COMENTÁRIOS DE TRADUÇÃO	61
4.2 A NARRATIVA DA TRADUTORA NOS COMENTÁRIOS DE TRADUÇÃO	65
4.3 NOTAS E COMENTÁRIOS DE TRADUÇÃO EM <i>ORAN, LANGUE MORTE</i>	68
4.3.1 Notas de exegese: cultura, religião, geografia e modo de vida	69
4.3.3 Nota sobre a tradução	77
5. <i>ORÃ, LÍNGUA MORTA</i>: UMA TRADUÇÃO COMENTADA	80
ORÃ, LÍNGUA MORTA	80
O ATENTADO	108
A MULHER EM PEDAÇOS	126
O SANGUE NÃO SECA NA LÍNGUA	167
CONSIDERAÇÕES FINAIS	177
REFERÊNCIAS	183
APÊNDICES: RASTROS DA TRADUÇÃO	190

1. INTRODUÇÃO

Os espaços de produção de discursos apresentam, invariavelmente, suas marcas no próprio plano discursivo. É inevitável que a relação língua-sociedade-sujeito seja considerada em qualquer trabalho que se proponha a tratar de aspectos linguísticos, já que a língua surge como um produto do tempo histórico-social em que é produzida. Pensar na obra de Assia Djebar é, portanto, pensar em seu tempo como um todo, nas circunstâncias e nos fatores que formavam a malha física e psicossocial da época. Autora do período pós-colonial², Djebar traz em suas narrativas o sentimento do aprisionamento, dos anseios e das lutas de seu tempo, em sua Argélia dominada pela França. É por meio da língua — especificamente da língua do colonizador, o francês — que ela oferece sua voz e suas palavras como instrumento de amplificação de experiências coletivas e pessoais, como uma das mais importantes escritoras magrebinas do século XX.

Indissociáveis de seus contextos de produção e de seu tempo histórico e social, os discursos produzidos na segunda metade do século XX, especificamente nas décadas de 1960 – que marca, oficialmente, a independência argelina – e de 1990, são um espelho que reflete a realidade enfrentada pela população da Argélia. A violenta guerra contra o exército francês, apoiado, também, por uma parcela considerável dos argelinos; os anos turbulentos que se seguiram – em que disputas políticas e linguísticas abalaram a paz social – até sua culminância na *Décennie noire* (1992-2002), período de guerra civil que fragmentou o país, falam de uma nação submetida a um extenso e árduo espaço de tempo que caracterizou e apontou uma direção específica no processo de consolidação de uma identidade nacional e literária.

A França submeteu a Argélia ao seu domínio no início do século XIX, em 1830, embora o país africano tenha sido anexado como departamento francês quase duas décadas depois, em 1848. Desde o princípio, a Argélia caracterizou-se como uma colônia de povoamento, em um

² O termo “pós-colonial” e seus usos não são livres de discussões e problematizações. Diversos acadêmicos discutem as implicações do uso do vocábulo. Anne McClintock, em seu ensaio *The Angel of Progress, Pitfalls of the Term Post Colonialism* (2013) defende a ideia de que o uso do prefixo “pós” implicaria na concepção de que o colonialismo e seus efeitos estão no passado, o que não condiz com a realidade. Além disso, o termo “pós-colonial” geraria uma percepção binária e eurocentrista do mundo, em que as antigas colônias são constantemente comparadas com seus colonizadores, impedidas de serem apreendidas em sua própria individualidade. Por outro lado, certos estudiosos defendem a ideia de que o termo aqui tratado aponta para a liberação dos países que passaram pela colonização, para a promessa de um futuro. Optamos por adotar, nesta dissertação, o termo “pós-colonial”, em vista de sua alta disseminação na academia, além de ser o vocábulo tratado por grande parte das teóricas e teóricos cujos trabalhos serviram de referencial para esta dissertação. Não obstante, assinalamos, aqui, o conhecimento das discussões que cercam o vocábulo e assumimos a responsabilidade por seu uso.

exercício que visava estabelecer o controle da metrópole sobre as terras dominadas, recebendo, assim, consideráveis números de cidadãos franceses, estabelecendo-se como a maior sociedade de colonos na África do Norte francesa (Choi, 2024). Como consequência, os quadros jurídicos e conjunto de direitos garantidos por lei privilegiavam fortemente os cidadãos vindos da metrópole em detrimento da plural população argelina, composta, principalmente, de árabes e berberes, além de outros povos, como os khoulougis, os tuaregues e os m'zabs.

A Argélia foi apenas um dos países atingidos pelos tentáculos coloniais franceses. A França foi responsável pela colonização de uma grande parte dos territórios da África do Norte, Central e Ocidental, resultando em décadas de violência, exploração e apagamento cultural. Embora grande parte dos países colonizados tenha alcançado a independência na década de 1960, cujo ano inicial é conhecido como “Ano da África” por conta do avanço do panafricanismo e pela subsequente descolonização, as feridas causadas por anos de dominação francesa não foram apagadas no momento em que as tropas estrangeiras deixaram as colônias, mas ainda se fizeram agudamente pungentes nos anos posteriores e até nos dias atuais.

É justamente no contexto da ocupação francesa e em meio aos conflitos gerados por ela que nasce Assia Djébar. Fatema Zohra Imalayen nasceu em 30 de junho de 1936, em Cherchell, na Argélia, filha de um professor de uma escola colonial francesa e de uma descendente dos povos berberes. Ela foi a primeira mulher argelina e muçulmana a estudar na *École normale supérieure de jeune filles*, na França, em 1955. Engajou-se ativamente na luta anticolonial pela primeira vez em 1956, ao participar de uma greve organizada pela *Union des Étudiants Algériens*, vinculada ao partido *Front de Libération Nationale*, criado com o intuito de reivindicar a independência da Argélia. No ano seguinte, publicou seu primeiro livro, *La Soif*, sob o pseudônimo de Assia Djébar, que seria utilizado pela autora até o fim de sua vida. Viveu no Marrocos, onde lecionou História na Universidade de Rabat, a partir de 1959, mas deixou seu cargo de professora por ser contra a arabização forçada e defender um ensino multicultural, passando a viver na França. Ao longo da década de 1950 escreveu sobre o processo revolucionário da Argélia e publicou alguns de seus romances. Em 1962, tornou-se a primeira mulher a lecionar na Universidade de Argel, na Argélia. Foi nos anos 1980 que Djébar focou sua escrita nas questões da desigualdade de gênero e da violência causada pela colonização, temas presentes em obras como *Vaste est la prison* (1995).

Em *Oran, langue morte*, coletânea de novelas da autora, Djébar trata da violência cotidiana de uma Argélia sob domínio francês. Na primeira novela, que será traduzida neste trabalho e recebe o mesmo nome do livro, a autora faz uso do recurso epistolar para a recuperação de memórias que remontam ao período da infância da narradora, momento em que

seus pais, militantes pela independência da Argélia, foram assassinados pelo exército francês. Ao longo da narração, as questões que permeiam a escrita de Djebbar são trazidas à tona, como os conflitos de identidade e de pertencimento, o lugar de poder da língua do colonizador em detrimento da língua do colonizado, tradições religiosas, hierárquicas e culturais, sob a ótica de uma narradora feminina — cujo gênero aponta outras formas de submissão que serão tratadas pela autora — nascida na Argélia e, agora, vivendo na França.

O conjunto de novelas e narrativas selecionadas e traduzidas neste trabalho apresenta diversos pontos em comum: o plano de fundo, o contexto social e político de uma nação, a presença da religião e de toda a carga histórica da tradição muçulmana, a docência – profissão que une grande parte das personagens de Djebbar – mas, acima de tudo, a condição feminina, o ser mulher como marcador social e político que define medidas e impõe restrições e limites sutis e profundos, traçando caminhos a serem trilhados de acordo com as regras, em alguns casos, mas também na contramão daquilo que se é esperado.

Vale ressaltar, entretanto, que a opressão e o silenciamento das mulheres na Argélia não foram impostos no momento da chegada dos franceses, apenas. Após a conquista islâmica, no século VII EC, e a posterior adoção do Islamismo como religião oficial dos países do Magrebe, a interpretação do Alcorão, livro sagrado dos muçulmanos, era feita por meio do *Ijtihād* (em árabe, *اجتهاد*), que pressupõe a capacidade de interpretação individual e independente dos textos sagrados e, por conseguinte, a igualdade de gênero nas práticas religiosas e, até certo ponto, na vida cotidiana. Sua suspensão, nos séculos seguintes, à medida em que o patriarcado se apropriou do discurso religioso, resultou na subalternização das mulheres muçulmanas, afastadas das atividades da vida social e relegadas a uma existência em segundo plano (Hajjami, 2008). A escrita de Djebbar, portanto, não é um instrumento de denúncia das ações de um único perpetuador dessa subalternidade feminina, marcado pela figura de uma nação estrangeira que nada tem a ver com as concepções formativas da identidade da Argélia, mas de todo um panorama histórico, social e religioso, muito anterior à chegada dos franceses, que define com bastante rigidez quais são os papéis de gênero na sociedade argelina e dita tudo aquilo que é, ou não, acessível aos corpos femininos.

A fim de melhor situar a leitura da obra e delinear os objetivos do projeto, cabe fazer menção à própria trajetória da autora. Embora Djebbar seja argelina e resgate, em suas obras, as memórias da pátria, com suas dores, prazeres e saudades, é por meio da língua francesa que o exercício da escrita ganha vida. É a língua do colonizador, nas mãos do colonizado, que ilustra os horrores das ações francesas na Argélia, servindo como instrumento de denúncia e dando voz a um povo silenciado. De acordo com Otman e Shalhoub (2025), impõem-se, no processo

de ressignificação da língua do colonizador, valores contraditórios e paradoxais, na medida em que a adoção do idioma da metrópole afirma a subjugação do povo colonizado, tendo um papel central na agenda racializada colonizatória enquanto oferece um meio de liberação da opressão e da colonização.

Djebar e sua obra encontram-se, portanto, em um ponto de intersecção entre dois mundos essencialmente opostos e conflituosos entre si, em um jogo em que um antagoniza diretamente a vivência do outro, característica frequente nas obras pós-coloniais. Sobre esse entremeio linguístico e cultural, Djebar diz, em *Idiome de l'exil et langue de l'irréductibilité* (2003): “Escrevo, portanto, e em francês, língua do antigo colonizador, que se tornou, não obstante e irreversivelmente, aquela de meus pensamentos, enquanto continuo a amar, a sofrer e a rezar (quando rezo) em árabe, minha língua materna.”³

Além do árabe e do francês, a língua berbere está no cerne da escrita e da vida da autora. Essa é, segundo Djebar, a língua do matriarcado, a língua de suas antepassadas e, para ela, “o fundamento de sua personalidade e de sua escrita” (Djebar, 2000). Esse lugar multicultural e polifônico que caracteriza a própria vivência de Djebar manifesta-se em suas obras, em diferentes graus, mas decididamente marcando a pluralidade que representa o período sócio-histórico tratado e a trajetória da autora.

A polifonia explícita da obra original abre espaço, portanto, para uma tradução explicitamente polifônica, que nem sempre é facilmente acessível ao leitor. Deve-se considerar, na tradução de textos como o de Djebar – característico da literatura pós-colonial – um processo de tradução que apresenta, por sua vez, características específicas, relacionando-se diretamente com as idiossincrasias do período literário e do contexto de produção dessas obras. Os estudos da tradução de textos pós-coloniais se debruçam sobre as possíveis maneiras de se lidar com as problemáticas impostas pelas especificidades desse período literário e sobre o modo segundo o qual o tradutor deve tratar os aspectos linguísticos e culturais desses textos. O trabalho da tradutora e do tradutor como “mediadores” desses mundos, línguas e culturas é o que nos ocupa, também, neste projeto.

Dado o caráter da obra aqui traduzida, assim como a visada pós-colonial e feminista adotada em toda a concepção e ao longo de todo o projeto tradutório, os pontos norteadores deste trabalho, e que serão apresentados a seguir, foram divididos em quatro eixos. O primeiro, intitulado “A literatura e as mulheres do Magrebe” discute as implicações da colonização

³ *J'écris donc, et en français, langue de l'ancien colonisateur, qui est devenue néanmoins et irréversiblement celle de ma pensée, tandis que je continue à aimer, à souffrir, également à prier (quand je prie) en arabe, ma langue maternelle.*

francesa sobre a vivência e os corpos femininos, assim como as do patriarcado, que embasado por uma leitura específica do Alcorão, contribuiu para o assujeitamento das mulheres ao longo dos séculos – que não foi, de forma alguma, absoluto, dada a presença de mulheres na religião e na política árabes. Além disso, levanta-se a questão da importância da literatura como instrumento de denúncia e ressignificação das experiências femininas nos contextos de apagamento e violência patriarcal. Destacam-se, tendo em vista o objeto deste trabalho, a vida e a obra de Assia Djébar, assim como seu papel na tradição literária argelina.

Em seguida, no capítulo “A tradução como um ato de acolhimento”, é apresentada a Teoria das Narrativas (2006; 2015), da escritora egípcia Mona Baker, e como sua adoção no exercício da tradução permite uma visão que torna a tradução inerentemente política, destacando o papel das tradutoras e dos tradutores no tecimento das narrativas vigentes em determinadas sociedades, em posição de contentamento ou de reforço ideológico. A abordagem política da tradução é salientada pelas concepções de Spivak (1993; 2005), indicando, mais uma vez, a importância de se considerar as dimensões éticas do trabalho tradutório.

Em “Comentários de tradução: a narrativa da tradutora”, discute-se o papel das notas de tradução no acolhimento do outro não assimilado, ou seja, não tornado “conhecido” ou “familiar” na tradução. Ao estabelecer aquilo que é diferente, por meio das notas e comentários, destaca-se, também, a presença do outro, apontando a necessidade de se debruçar sobre um objeto não conhecido. Além disso, aponta-se a construção de uma outra narrativa nas notas e comentários de tradução: a narrativa da tradutora ou do tradutor, espaço inequívoco da voz de quem traduz, cuja função pode ser entendida como explicativa ou didática, mas que indica, acima de tudo, a presença de um trabalho reflexivo e de determinadas concepções adotadas na tradução. Apresenta-se, também, uma explicação sobre as notas e comentários da tradução parcial de *Oran, langue morte*, assim como alguns excertos do texto traduzido.

O quinto capítulo “Orã, língua morta”, apresenta a tradução comentada bilíngue das novelas e contos selecionados, assim como do epílogo da obra de Djébar. Tomando como base os conceitos discutidos pela professora e autora francesa Pascale Sardin (2007), os comentários e notas descrevem fatores exegéticos e reflexivos (chamadas de notas “meta-” na terminologia de Sardin), visando indicar as concepções tradutológicas discutidas ao longo desta dissertação e adotadas na tradução. A disposição bilíngue do texto é uma forma de destacar as decisões tomadas pela tradutora, e também uma tentativa de facilitar a leitura comparativa.

Por fim, as considerações finais traçam uma teia reflexiva sobre o trabalho teórico e tradutório, indicando a impossibilidade de se separar a pesquisa e a tradução, que não podem ser encaradas como etapas isoladas e distantes, mas como dois pilares de um só trabalho,

complementares e indissociáveis. A adoção de uma visão que una tradução e pesquisa é, portanto, fundamental para a compreensão do objeto de trabalho e para o estabelecimento de um norte tradutório, fator basilar para o próprio exercício da tradução. Além disso, em vista do escopo da dissertação e da tradução parcial da obra de Djébar, possíveis desenrolares são propostos, em continuidade do trabalho desenvolvido até aqui.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A imagem final deste percurso tradutório remete à figura evocada por Assia Djebar no posfácio de *Oran, langue morte*: a do leitor absoluto. Tal noção não se materializa na figura de um sujeito capaz de apreender plenamente a obra, de alcançar seu significado último ou de recuperar uma suposta intenção originária do autor. Essas certezas permanecem inalcançáveis, perdidas no movimento incessante de produção e de transformação dos sentidos. O leitor absoluto não encarna uma promessa de completude; ao contrário, representa a ruptura com essa expectativa e o reconhecimento de que toda leitura é parcial, situada e aberta.

Dessa forma, o leitor absoluto não se define pela pretensão do domínio hermenêutico, mas pela abertura radical ao texto, pela disposição em romper com as noções estabelecidas por agendas dominantes e por seus discursos binários. Trata-se de um sujeito que abdica da ilusão de transparência e de completude interpretativa para assumir uma postura de escuta atenta e sensível. A escuta, aqui, não se reduz a um ato passivo, mas configura-se como uma prática ética, política e estética: implica acolher a alteridade do texto – ouvir o outro –, reconhecer suas lacunas, suas opacidades e suas ressonâncias múltiplas, sem a necessidade de reduzi-las a uma síntese unívoca.

Assim, o leitor – ou leitora – absoluto constitui-se menos como um intérprete que decifra e mais como um interlocutor que se dispõe a entrar em relação com o texto, que se abre para as múltiplas manifestações do outro, permitindo que nele reverberem ecos imprevistos e significações plurais. É, em suma, aquele que, na forma mais simples e, ao mesmo tempo, mais exigente, escuta:

como Olivia, amiga da narradora de *Oran, langue morte*, interlocutora da longa epístola que estrutura toda a trama narrativa, por meio da qual conhecemos a dor da perda dos pais, a devoção da tia, as feridas ainda abertas da colonização francesa e a violência que envolve a sociedade argelina, supostamente liberta de uma forma de opressão para cair nas garras de uma guerra civil que duraria décadas;

como Naïma, que ouve o marido rebelar-se contra a tirania dos governantes, conhecendo o perigo de seu ato, sabendo que as consequências não recairiam somente sobre ele, mas sobre toda a família, sobre a comunidade escolar, sobre o país como um todo. Por amor, ela escuta;

como Omar, aluno de Atyka, que enfrenta o terror imperscrutável da violência sádica que recai sobre sua professora, que se submete à dor, ao desconforto, ao medo e ao peso de pôr-se em posição de testemunha, com o intuito de ver, de escutar o fim da história contada por Atyka. Ela, por sua vez, contrariando seus pais, escolhe ensinar a língua do colonizador, e é por

meio dessa língua que as poderosas narrativas da sultana das auroras, Sheherazade, são transmitidas aos alunos, que reconhecem, durante as leituras, uma mulher em posição de poder, como Djebbar, que empresta sua voz a essas mulheres, e a tantas outras, que recupera as vozes e vidas perdidas, que retrata uma realidade que incomoda, machuca, abre feridas e não permite o silêncio; que invoca o diálogo, convida a olhar a existência de questões históricas e urgentes, antigas e atuais na mesma medida.

Cabe destacar, mais uma vez, que a realidade feminina relatada por Assia Djebbar sob o contexto colonial francês e no período de restabelecimento do poder na Argélia é, em si mesma, profundamente contraditória. Se por um lado o domínio francês representava o acesso antes negado à escolaridade – laica, nos moldes da metrópole –, por outro lado trazia à tona o não reconhecimento das mulheres como indivíduos, mas como instrumentos de controle sobre toda a revolução anticolonial no país. Mais do que isso, os corpos femininos tornaram-se espaços privilegiados de disputa política simbólica. Gestos cotidianos como usar ou não o véu, ter ou não um emprego, contar ou não sua história, foram transformados em atos de desobediência civil e religiosa e duramente contidos pelo governo, fosse ele colonial ou nacional. Pode-se pensar, portanto, que o corpo feminino constitui, em última instância, um espaço simbólico de inscrição das relações de poder, no qual se manifestam práticas de dominação colonial, patriarcal e cultural, frequentemente naturalizadas e perpetuadas por diferentes instâncias sociais.

Ao tecer narrativas que atravessam diferentes tempos, espaços e personagens, Djebbar destaca a importância histórica da participação feminina na construção cultural, religiosa e social não apenas da Argélia, mas de todo o mundo árabe. No centro dessa tradição literária e oral, surge a figura de Sheherazade, a sultana das auroras, detentora de um poder narrativo tão significativo que foi capaz de salvar não apenas sua própria vida, mas de mudar o destino de um reino e consolidar, no imaginário ocidental e mundial, uma parcela expressiva daquilo que se convencionou associar ao “árabe”, ao “muçulmano” e ao “oriental”. A importância das mulheres árabes não recai, entretanto, apenas sobre Sheherazade. Muitas são as figuras femininas que moldaram o cenário político, religioso, literário e filosófico do mundo árabe, embora seus nomes tenham sido apagados, diminuídos, relegados a meras menções nos anais da história. Não obstante, elas permanecem, e suas narrativas seguem em frente, em grande parte graças a outras mulheres, que recuperam e lançam luz aos nomes de suas antepassadas.

Tendo isso em mente, retomamos, aqui, a noção de tradução proposta por Spivak, ou seja, entendida como uma forma profunda de leitura e de entrega ao texto. Assim, traduzir implica abrir-se ao texto, aos encontros, as descobertas, aos incômodos, aos confrontos, mas

também ao diálogo, constitutivos da prática tradutória. Significa caminhar em direção ao desconhecido, sem submetê-lo à lógica da transparência ou da semelhança; permitindo que a alteridade permaneça em sua diferença e opacidade.

Não se deve ignorar, em tal encontro, as tensões linguísticas e culturais que permeiam a literatura pós-colonial e, por conseguinte, sua tradução. A instância tradutória básica – a língua – é o primeiro espaço de conflito e de disputas de poder no próprio contexto de produção da obra aqui traduzida. Ao privilegiar o francês em detrimento do árabe ou do berbere, seja por escolha ou necessidade, Djebbar adota para si a “língua madrasta”, língua primeiramente imposta, depois negada, situada no centro de mais de um século de disputas, violências e tensões que ainda reverberam na sociedade argelina contemporânea.

Além disso, não se pode desconsiderar a centralidade questões de gênero na obra de Djebbar, tampouco a forma como são apresentadas as problemáticas do lugar atribuído à mulher na sociedade argelina – e, de maneira mais ampla, no mundo árabe muçulmano. A autora posiciona-se de modo semelhante às suas personagens: mulher nascida na Argélia que, embora ocupasse um lugar privilegiado no meio acadêmico e intelectual, permaneceu sujeita às múltiplas agressões impostas por regimes patriarcais que, apesar das diferenças linguísticas, culturais e religiosas convergiam em um ponto, isto é, a submissão feminina.

Esses aspectos não podem ser silenciados pela tradução, uma vez que constituem elementos fundamentais da teia contextual que sustenta a construção da narrativa e condiciona os espaços que ela ocupa e alcança. Mais do que isso, tais questões são explicitamente marcadas por temas centrais da obra de Djebbar, que é constituída, em maior ou menor grau, por um desejo de narrar a marcha das mulheres de seu país, o “relato dos medos, dos temores nos lábios de tantas das minhas irmãs alarmadas, expatriadas ou em perigo constante” (Djebbar, 1997, p. 378).

Dessa forma, as questões linguísticas, culturais e religiosas constituem os traços do outro materializados na narrativa, traços intencionalmente expostos e que remetem a uma outra instância enunciativa: a voz silenciada por séculos de opressão patriarcal e colonial. Essa voz emerge nos discursos relatados, nos múltiplos não-ditos e na preservação de vocábulos em sua língua original, mesmo diante da possibilidade de enunciá-los em francês.

Impõe-se, assim, uma escolha para a tradutora-narradora, uma vez que a tradução é aqui compreendida como forma de re-narração. Ao lidar com elementos estrangeiros ao texto original, por vezes duplamente estrangeiros para uma leitora-tradutora brasileira, cabe-nos interrogar: deve-se tornar tais traços opacos, invisíveis, mais facilmente apreensíveis na mais descomprometida das leituras, ou deve-se fazer emergir na materialidade traduzida aquilo que habita o cerne da obra original, mesmo que isso implique desacelerar a leitura, convidar quem

lê a deslocar os olhos para a margem inferior da página, à procura dos polêmicos comentários de tradução?

Dada a discussão proposta ao longo de todo o trabalho, consideramos a necessidade de compreender o ato de tradução como intrinsecamente político, enviesado e voltado, conscientemente ou não, aos interesses de uma agenda, a uma visão de mundo e a uma ideologia específicas. Manter os traços daquele outro, daquela voz silenciada e recuperada, é adotar, em última instância, a postura do leitor absoluto.

Não se deve, entretanto, conceber a tradução a partir de um viés inocente, segundo o qual seria possível imaginar uma retomada da voz da autora e sua reprodução integral, sem intermediários, na língua e na cultura para as quais a obra é traduzida. Tal perspectiva conduziria a concepções ultrapassadas acerca da tradução, de sua função e de seu papel em relação ao texto original. Há, irremediavelmente, nesse percurso, a inserção de um outro sujeito – nesse caso, a tradutora – e com ele de seus próprios traços, o que não compromete, de forma alguma, a legitimidade do processo ou o texto traduzido. Considerar a pluralidade de vozes que atravessa a tradução é compreender a obra como uma manifestação viva da língua, infinitamente palpitante, em suas diversas materializações. É conceber a possibilidade de vozes que falam não em uníssono, mas em uma mesma direção, com um mesmo propósito, ampliando-se justamente por serem múltiplas.

É também, em última análise, reafirmar a possibilidade do encontro com o outro por meio da tradução. Ao traduzir a obra de Djébar, diversos encontros foram tecidos, e de cada um deles surgiu novas formas de compreender a língua, a história e a própria alteridade. O desafio da tradução é sempre fazer surgir o possível em meio ao desconhecido, reconstruir histórias próprias, sem descaracterizá-las. Trata-se de uma tentativa de torná-las uma experiência compartilhada, não pela via da assimilação, mas pela escuta, pelo diálogo e, finalmente, pelo aprendizado.

Assia Djébar nasceu em uma Argélia colonizada, testemunhou o processo de independência do país e provou a amargura da *Décennie noire*. Suas obras falam dessas experiências ao mesmo tempo em que refletem as vivências que moldaram a identidade literária da escritora. No Brasil, sua produção permanece pouco conhecida, tendo sido traduzida uma única vez para o português brasileiro, no fim dos anos 1950. A tradução aqui proposta chega ao público brasileiro em outro século, em outro contexto social, político e religioso. Ainda assim, a força da narrativa de Djébar supera qualquer obstáculo, aproximando realidades diferentes, que, certamente, compartilham diversos pontos em comum. No centro dessas aproximações está a condição feminina. Mais do que isso, a violência contra os corpos femininos.

Considerando tal realidade, poucas narrativas se mostram tão atuais quanto as de Djébar. O destino da jovem esposa, sem nome, sem identidade para além de seu lar, não é muito diferente do destino de milhares de brasileiras. De acordo com o Ministério da Justiça e Segurança Pública, 1.470 mulheres foram vítimas de feminicídio somente no ano de 2025. O número representa um recorde histórico no país, e traduz-se no assassinato de quatro mulheres por dia ao longo do ano. Embora os dados de 2026 ainda não estejam disponíveis, multiplicam-se diariamente as notícias que desenhavam um retrato assustador de crimes violentos que ceifam, precocemente, a vida de milhares de mulheres. Muitas delas permanecem, para nós, sem nome. Muitas são assassinadas por seus próprios maridos. Brasil, 2026. Bagdá, 800 EC.

A escrita de denúncia e testemunho de Djébar ressoa fortemente em nosso presente, e a tradução torna possível o encontro entre realidades distintas. Ela constrói um espelho no qual reconhecemos, em uma face inicialmente desconhecida, muito de nós mesmas, mas também um passado compartilhado. Um passado que revela como a submissão feminina sob o domínio patriarcal persiste ao longo do tempo, assumindo diferentes formas em contextos históricos, políticos e sociais diversos.

Mais do que isso, a obra de Djébar nos convida a refletir sobre a importância da reapropriação da narrativa, sobre as possibilidades que emergem quando outros pontos de vista encontram espaço para se expressar e, por fim, sobre poder da língua na construção e na contestação de identidades, independentemente do contexto de produção ou recepção de uma obra.

Esperamos que, por meio dessa tradução, uma pequena fresta possa ser aberta, por meio da qual a obra de Assia Djébar encontre, finalmente, seu espaço na literatura traduzida brasileira. A autora teve um papel de suma importância no processo de desenvolvimento e caracterização da literatura argelina, e ocupa uma posição de destaque no âmbito das literaturas francófona e feminista do norte da África.

Por fim, esperamos que a pesquisa e a tradução aqui apresentadas, duas etapas que foram desenvolvidas de forma simultânea e indissociável, contribuam para o campo dos Estudos da Tradução, especialmente para as reflexões em torno da tradução comentada e de seu lugar no cenário tradutório brasileiro. Apesar de seu potencial crítico e reflexivo, ainda existem muitos preconceitos que permeiam as notas e comentários de tradução, embasados em discursos que sustentam modelos tradicionais de fidelidade, transparência e neutralidade tradutórias e do papel atribuído às tradutoras e aos tradutores.

Nesta pesquisa, a adoção desses elementos textuais foi essencial para a concretização do projeto tradutório proposto, promovendo a construção de um espaço narrativo próprio da

tradutora e favorecendo uma discussão mais ampla sobre o trabalho de quem traduz e sobre a necessidade de conferir mais visibilidade a esses profissionais, principalmente em tempos marcados pelo crescente uso da inteligência artificial. Além disso, ao evidenciar o duplo trabalho, de tradução e de pesquisa, reforça-se a indissociabilidade desses dois elementos, bem como a concomitância das etapas de desenvolvimento de uma tradução comentada.

Para concluir, apontamos possíveis desdobramentos desta pesquisa. O primeiro deles consiste na tradução integral de *Oran, langue morte*, que ainda conta com quatro textos não contemplados neste projeto de Mestrado, em razão do tempo e dimensão do trabalho. Os contos e novelas se relacionam intimamente e traçam uma delicada teia narrativa. Assim, uma tradução completa da obra proporcionaria um mergulho mais aprofundado no universo literário da autora argelina, além de oferecer um panorama mais amplo do cenário político e social da Argélia do final do século XX. Ademais, tal iniciativa contribuiria para fomentar novas pesquisas e expandir o olhar crítico sobre a obra de Djébar, ainda pouco estudada no Brasil.

REFERÊNCIAS

ACTES SUD. *Oran, langue morte*. Arles: Actes Sud, [s.d.]. Disponível em: [Actes Sud – Oran, langue morte](#). Acesso em: 17 jul. 2026.

AHMED, L. *Women and gender in Islam: historical roots of a modern debate*. New Haven: Yale University Press, 1992.

ALCORÃO. *Tradução dos significados do Nobre Alcorão para a língua portuguesa*. Tradução de Helmi Nasr. São Paulo: Complexo de Rei Fahd para a Impressão do Alcorão Sagrado, 2006. Disponível em: https://d1.islamhouse.com/data/pt/ih_books/single/pt_portuguese_translation_of_the_meanings_of_quran.pdf. Acesso em: 25 jun. 2025.

AL-HIBRI, A. *Islamic law vs. patriarchal systems: a woman's perspective*. UR Scholarship Repository, 2002. Disponível em: <https://scholarship.richmond.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1284&context=law-faculty-publications>. Acesso em: 22 ago. 2025.

ALMEIDA, S. R. G. Mediações contemporâneas: tradução cultural e literatura comparada. *Gragoatá*, v. 16, n. 31, 2011. DOI: <https://doi.org/10.22409/gragoata.v16i31.33050>. Acesso em: 12 abr. 2024.

ALONSO, J. B. Femme, identité, écriture dans les textes francophones du Maghreb. In: *Séminaire sur « Le roman français et francophone: thèmes et auteurs contemporains »*. Alicante: Universidad de Alicante, 2004.

AMRANE-MINNE, D. Des femmes dans la guerre d'Algérie. *Horizons Maghrébins - Le droit à la mémoire*, v. 25, n. 1, p. 303, 1994. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/horma_0984-2616_1994_num_25_1_1265_t1_0303_0000_3. Acesso em: 31 ago. 2025.

ARGÉLIA. Constituição (1986). *Charte nationale algérienne*. Imprimerie Officielle: Argel.

ASHOLT, W.; CALLE-GRUBER, M.; COMBE, D. (org.). *Assia Djebar: littérature et transmission*. Paris: Presses Sorbonne Nouvelle, 2010.

APTER, E. S. *The Translation Zone: A New Comparative Literature*. Princeton: Princeton University Press, 2006.

ATTARI MADANI, W. A. Remembrance of pious ladies – Sayyidatuna Shifā' bint Abdullah. *Dawateislami.net Magazine*, [s.d.]. Disponível em: <https://www.dawateislami.net/magazine/en/remembrance-of-pious-ladies/sayyidatuna-shifa-bint-abdullah>. Acesso em: 26 jan. 2026.

BAKER, M. *Translation and conflict: a narrative account*. London; New York: Routledge, 2006.

BAKER, M. Translation as re-narration. In: HOUSE, J. (org.). *Translation: a multidisciplinary approach*. London: Palgrave Macmillan, 2014. DOI: https://doi.org/10.1057/9781137025487_9. Acesso em 10 abr. 2024.

BAKER, M. Narrativas na e da tradução. *Revista Belas Infieis*, v. 14, n. 2, 2025. DOI: <https://doi.org/10.26512/belasinfieis.v14.n2.2025.58033>.

BAKER, M.; ZAIDAN, J. Tradução e transformação social: uma entrevista com Mona Baker. *PERcursos Linguísticos*, v. 9, n. 21, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/percursos/article/view/27272/18388>. Acesso em: 10 abr. 2024.

BANDIA, P. Postcolonial literary heteroglossia: a challenge for homogenizing translation. *Perspectives: Studies in Translatology*, v. 20, n. 4, p. 419-431, 2014.

BARBOSA, F. C. (coord.). *I Relatório de islamofobia no Brasil*. São Bernardo do Campo: Ambigrama Editorial, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1080/13556509.2008.10799248>. Acesso em 20 nov 2025.

BENRABAH, M. Language maintenance and spread: French in Algeria. *International Journal of Francophone Studies*, v. 10, n. 1, p. 193–215, 2007.

BENZENINE, B. Réformer les droits des femmes en Algérie. *Cahiers d'études africaines*, 2021.

BOÉRI, J. A Narrative Account of the Babels vs. Naumann Controversy. *The Translator*, v. 14, n. 1, p. 21–50, 2008.

BONNICI, T. Teoria e crítica pós-colonialistas. In: BONNICI, T.; ZOLIN, L. O. (org.). *Teoria literária*. Maringá: Eduem, 2009. p. 257–286.

BOURGET, C. *Coran et tradition islamique dans la littérature maghrébine*. Paris: Karthala, 2002.

BROWN, H. From sensation to representation: the torture of Djamila Boupacha during the Algerian War. *Women in French Studies*, n. 2, 2018.

CALLE-GRUBER, M. *Assia Djebar ou la résistance de l'écriture*. Paris: Maisonneuve et Larose, 2001.

CESAR, A.C. *Escritos da Inglaterra*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

CHAR, A. Arabic and British fin de siècle writing. *Journal of Victorian Culture Online*, 1 out. 2021. Disponível em: <https://jvc.oup.com/2021/10/01/arabic-and-british-fin-de-siecle-writing/>. Acesso em: 26 jan. 2026.

- CHATTI, M. Assia Djébar, la voix des autres. *Nouvelles Études Francophones*, v. 30, n. 1, p. 1–10, 2015.
- CHOI, S. E. L'Algérie française, 1830–1962. *Revue internationale de politique comparée*, v. 31, n. 2, p. 51–74, 2024. DOI: <https://doi.org/10.3917/ripc.312.0051>.
- CLERC, J. M. *Assia Djébar: écrire, transgresser, résister*. Paris: L'Harmattan, 1997.
- CUSSEL, M.J; BIELSA, E; BESTUÉ, C. Politics of translation: assimilation and reflexivity in the transformation of academic texts. *Social Science Information*, v. 63, n. 4, p. 465-488, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1177/05390184231220853>.
- DARRAJ, S. M. Understanding the other sister: the case of Arab feminism. *Monthly Review*, v. 53, n. 10, 2002.
- DE GROOT, G.; PENISTON-BIRD, C. *A soldier and a woman*. New York: Longman, 2000.
- DJEBAR, A. *L'amour, la fantasia*. Paris: J.C. Lattès, 1985.
- DJEBAR, A. *La soif*. Paris: Julliard, 1957.
- DJEBAR, A. *Oran, langue morte*. Arles: Actes Sud, 1997.
- DJEBAR, A. *Ces voix qui m'assiègent*. Paris: Albin Michel, 1999.
- DJEBAR, A. *La disparition de la langue française*. Paris: Albin Michel, 2003.
- EL HAJJAMI, A. A condição das mulheres no Islã. *Cadernos Pagu*, n. 30, p. 107–120, 2008.
- ELTAHAWY, M. *The seven necessary sins for women and girls*. Boston: Beacon Press, 2020.
- ESTEVES, L.M.R. Atos de tradução: éticas, intervenções, mediações. São Paulo: Humanitas . Acesso em: 23 fev. 2026. , 2014
- FARIBORZ, A. Interview with Nawal El Saadawi. Tradução de J. Taylor. *Qantara*, 2014.
- FERES, L.B; BRISOLARA, V.S. A literatura brasileira em tradução: o programa de apoio à tradução e à publicação de autores brasileiros no exterior como ferramenta de interferência no polissistema literário. *Revista da Anpoll, [S. l.]*, v. 1, n. 44, p. 331–345, 2018. DOI: 10.18309/anp.v1i44.1157. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/1157> . Acesso em: 23 fev. 2026.
- FILIU, J.P. *Algérie, la nouvelle indépendance*. Paris: Points, 2021.
- G1. Brasil registra recorde históricos de feminicídios em 2025; quatro mulheres são assassinadas por dia no país. *G1 — Política*, 20 jan. 2026. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2026/01/20/brasil-registra-recorde-historicos-de->

[femicidios-em-2025-quatro-mulheres-sao-assassinadas-por-dia-no-pais.shtml](https://books.openedition.org/pum/10661). Acesso em: 18 fev 2026 .

GAUVIN, L. Statut de la parole chez Assia Djébar. *Carnets*, n. 7, 2016. fev

GHALEM, N.; NDIAYE, C. Le Maghreb. In: *Introduction aux littératures francophones: Afrique · Caraïbe · Maghreb* [online]. Montréal: Presses de l'Université de Montréal, 2004. Disponível em: <http://books.openedition.org/pum/10661>. ISBN 979-10-365-0247-7. Acesso em: 8 abr. 2024.

GOUANVIC, J. M. Ethos, éthique et traduction. *TTR*, v. 14, n. 2, p. 31–47, 2001.

HARCHI, K. Le paradigme féminin dans l'œuvre d'Assia Djébar. *Littératures*, n. 73, p. 171–184, 2015.

HARIZE, O. From militants to student activists: The women who fought for Algeria. Middle East Eye. Disponível em: <https://www.middleeasteye.net/discover/algeria-women-militants-independence-activists>

HUSTON, N.; SEBBAR, L. *Lettres parisiennes: histoires d'exil*. Paris: Bernard Barrault, 1986.

ILAHIANE, H. *Historical Dictionary of the Berbers (Imazighen)*. 2. ed. Lanham: Rowman & Littlefield Publishers, 2017.

JOUARET, M. L'Algérie « post-décennie noire »: de l'imposition de l'impunité à la revendication d'une justice transitionnelle. *L'Année du Maghreb*, n. 26, p. 77–96, 2022.

JUBRAN, S. Da margem ao centro: a tradução de literatura árabe no contexto brasileiro. In: *SEMANA DO TRADUTOR*, 42., 2023, São José do Rio Preto. Anais [...]. São José do Rio Preto, 2023.

KALAMULLAH.COM. *Great women of Islam*. Disponível em: <https://www.kalamullah.com/Books/Great%20Women%20of%20Islam.pdf>. Acesso em: 26 jan. 2026.

KOOISTRA, S. Playing out French colonial fantasies: Algerian women's bodies and the Algerian War of Independence, 1954–62. *The Mirror - Undergraduate History Journal*, v. 42, n. 1, p. 149–164, 29 abr. 2022.

LALAMI, F. L'enjeu du statut des femmes durant la période coloniale en Algérie. *Nouvelles Questions Féministes*, v. 27, n. 3, p. 16–27, 2008. Disponível em: <https://shs.cairn.info/revue-nouvelles-questions-feministes-2008-3-page-16>. Acesso em: 26 jan. 2026.

LANLY, A. *Le français d'Afrique du Nord : étude linguistique*. Paris: Bordas, 1970.

LECLERC, J. Algérie: politique d'arabisation. Disponível em: https://www.axl.cefan.ulaval.ca/afrique/algerie-3Politique_ling.htm. Acesso em: 18 ago. 2025.

LIMA, E.; PISETTA, L. M. R. A virada dos afetos sobre a razão: um caso de intervenção tradutória resignificado. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, v. 62, n. 2, p. 182–193, 2023. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8674300/32737>. Acesso em: 16 abr. 2024.

LYRA, R.M.O.T. *Explicar é preciso?* notas de tradutor: quando, como e onde. *Fragmentos*, v. 8, n. 1, p. 73-87, jul./dez. 1998.

BAUME, Maïa de la. Assia Djébar, Novelist Who Wrote About Oppression of Arab Women, Dies at 78. *The New York Times*, New York, 13 fev. 2015. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2015/02/14/books/assia-djebar-novelist-who-wrote-about-oppression-of-arab-women-dies-at-78.html>. Acesso em: 17 jul. 2025.

MISRAHI-BARAK, J.; RAVI, S. Translating the postcolonial in multilingual contexts: disruptive transfers on the borders. In: *Translating the Postcolonial in Multilingual Contexts*. Montpellier: Presses Universitaires de la Méditerranée, 2017. p. 9–18. Disponível em: <https://books.openedition.org/pulm/12450>. Acesso em: 17 ago. 2023.

McClintock, A. *The Angel of Progress: Pitfalls of the Term “Post-Colonialism”*. *Literary Theory: An Anthology* by Julie Rivkin and Michael Ryan, Blackwell Publishing, 2013

McGURN, B. Algerian women urged to unveil. *New York Herald Tribune* (European Edition), Paris, 1958.

MEDIÈNE, B. *Kateb Yacine, le cœur entre les dents: biographie hétérodoxe*. Paris: Robert Laffont, 2006. ISBN 2-221-10733-0.

MERNISSI, F. O harém político: o profeta e as mulheres. Tradução de Marília Scalzo. São Paulo: Tabla, 2025. 284 p.

MOCBIL, Ahmed Saeed Ahmed. *The History of Feminism in the Arab World*. *Journal of Social Studies*, v. 28, n. 4, p. 82–91, dez. 2022. DOI: 10.20428/jss.v28i4.2042. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/368670389_The_History_of_Feminism_in_the_Arab_World. Acesso em: 12 dez 2025

MOURA, J. Postcolonialisme et comparatisme. In: *Vox-Poetica*. Disponível em: <http://www.vox-poetica.org/sflgc/biblio/moura.html>. Acesso em: 10 abr. 2024.

MORTIMER, M. Entretien avec Assia Djébar, écrivain algérien. *Research in African Literatures*, v. 19, n. 2, p. 197–205, 1988.

NEDJAR, S.; DA FONSECA, M. Que s'est-il passé en Algérie pendant la « décennie noire »? *Le Monde*, 22 dez. 2024. Disponível em: https://www.lemonde.fr/comprendre-en-3-minutes/video/2024/12/22/que-s-est-il-passe-en-algerie-pendant-la-decennie-noire-comprendre-en-trois-minutes_6461883_6176282.html. Acesso em: 2 nov. 2025.

OTMAN, A.; SHALHOUB-KEVORKIAN, N. The politics of acquiring the colonizer's language in the colonial academy. *Middle East Critique*, 2025. DOI: <https://doi.org/10.1080/19436149.2025.2554020>. Acesso em: 29 jan. 2026.

PEREGO, E. The veil or a brother's life. *The Journal of North African Studies*, v. 20, n. 3, p. 349–373, 2015.

PERROT, M. Os silêncios do corpo da mulher. In: MATOS, M. I. S.; SOIHET, R. (org.). *Corpo feminino em debate*. São Paulo: UNESP, 2003.

PLANCHON, P. Le mot singe et ses dérivés. Variation sémantique et valeurs référentielles. *Congrès Mondial de Linguistique Française 2008*, 2008. Disponível em: <https://www.linguistiquefrancaise.org/articles/cmlf/pdf/2008/01/cmlf08264.pdf>. Acesso em: 1 mar. 2026.

RÉMY, P.J. Réponse au discours de réception de Mme Assia Djebar. *Académie française*. Disponível em: <https://www.academie-francaise.fr/reponse-au-discours-de-reception-de-mme-assia-djebar>. Acesso em: 18 ago. 2025.

RIESZ, J. Visages de l'Islam dans la littérature africaine de langue française au sud du Sahara. In: GONÇALVES, A. C. (coord.). *Estados, poderes e identidades na África subsariana*. Porto: Universidade do Porto, Centro de Estudos Africanos, 2004. p. 131–132.

SAID, E. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras. 1995.

SAID, E. *Orientalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SEFERDJELI, R. Rethinking the history of the Mujahidat during the Algerian War. *Interventions*, v. 14, n. 2, p. 238–255, 2012.

SILVA, W. R. *Representações do espaço na literatura magrebina contemporânea: da literatura argelina à literatura-mundo*. 2015. Tese (Doutorado em Letras – Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/4717>. Acesso em: 2 nov. 2025.

SLYOMOVICS, S. Algerian women's būqālah poetry: oral literature, cultural politics, and anti-colonial resistance. *Journal of Arabic Literature*, v. 45, n. 2–3, p. 145–168, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1163/1570064x-12341283>.

SPIVAK, G. C. *Outside in the Teaching Machine*. New York: Routledge, 1993. ISBN 978-0-415-90489-6.

SPIVAK, G. C. Claiming transformation: travel notes with pictures. In: AHMED, S. et al. *Transformations: thinking through feminism*. London; New York: Routledge, 2000.

SPIVAK, G. C. Translation into English. In: BERMAN, S.; WOOD, M. *Nation, language and the ethics of translation*. Princeton: Princeton University Press, 2005.

SPIVAK, G. C. The politics of translation. In: VENUTI, L. (ed.). *The Translation Studies Reader*. 4. ed. Clevedon: Routledge, 2021. p. 320–338.

TALEB. In: DICIO, Le Petit Robert de la langue française. Le Robert France, 2025.

TORRES, M. H. C. Por que e como pesquisar a tradução comentada? In: FREITAS, L. F. de; TORRES, M. H. C.; COSTA, W. C. (orgs.). *Literatura traduzida, tradução comentada e comentários de tradução*. Fortaleza, CE: Substância, 2017. p. 15–35.

TURSHEN, M. Algerian women in the liberation struggle. *Social Research*, v. 69, n. 3, p. 889–911, 2002.

TYMOCZKO, M. Post-colonial writing and literary translation, in: BASSNETT, Susan ; TRIVEDI, Harish (Orgs.), *Post-colonial translation: Theory and Practice*, Londres: Routledge, 1999, p. 19–41.

VENUTI, L. *Rethinking translation: discourse, subjectivity, ideology*. Londres, Nova York: Routledge, 1992.

VOLPI, F.; BENZENINE, B. Enacting and contesting citizenship in Algeria beyond the Hirak: the strategic uses of exit, voice and loyalty. *Citizenship Studies*, p. 1–19, 2023.

ZAVAGLIA, A.; RENARD, C. M. C.; JANCZUR, C. A tradução comentada em contexto acadêmico: reflexões iniciais e exemplos de um gênero textual em construção. *Aletria, Belo Horizonte*, v. 25, n. 2, p. 331–352, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.17851/2317-2096.25.2.331-352>. Acesso em: 8 ago. 2025.